



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

AS INTERFERÊNCIAS NEGATIVAS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

CRISTIANE MARIA VIEIRA

LUSANDRA ALMEIDA DE OLIVEIRA

EIXO: 9. EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS. EDUCAÇÃO PARA A PAZ.

Resumo:

Este trabalho tem o objetivo de discutir como a violência pode interferir negativamente no desenvolvimento humano. Para isso, analisamos como os vínculos parentais contribuem para a construção de comportamentos não violentos, uma vez que, um desenvolvimento saudável do indivíduo requer boas relações familiares; buscando compreender ainda, a atuação do indivíduo enquanto ser social em meio a situações violentas na sociedade. A metodologia utilizada para a construção do trabalho foi a revisão bibliográfica. Por não se restringir a grupos sociais específicos, observa-se que a violência pode interferir de maneira negativa e profunda na vida dos sujeitos, comprometendo os aspectos físico, mental, emocional e social do desenvolvimento. Nota-se que as experiências dolorosas provenientes das relações são excelentes canais de aprendizado da forma de se relacionar com os outros.

Palavras-chaves: Violência. Desenvolvimento Humano. Ser social.

Abstract:

This paper aims to discuss how violence can have a negative effect on human development. For this, we analyzed how the parental bonds contribute to construction of non-violent behaviors, since a healthy development of the individual family relations requires good; still trying to understand the role of the individual as a social being in the midst of violent situations in society. The methodology used for the construction work was the literature review. Why not be restricted to specific social groups, it is observed that violence can have a negative and deeply in the lives of individuals, compromising the physical, mental, emotional and social development. Note that the painful experiences from the relations are excellent learning channels the way of relating to others.

Keywords: Violence. Human Development. Social being.

1. Introdução

Toda a história da humanidade é marcada por inúmeros conflitos, que se traduzem em cenas de guerras, torturas e atentados, induzidos pelo caráter sócio-político de cada época, contribuindo assim, para a construção de uma sociedade ferida e com marcas profundas.

Atualmente, quando ouvimos falar sobre a violência, somos induzidos a lembrar das situações chocantes que fazem parte do nosso cotidiano e que se tornam manchetes importantes nos meios de comunicação de massa. De fato, a violência galgou caminhos que interferiram significativamente no seio da sociedade. Na sua forma destrutiva, ela visa atingir o outro, mas acaba por afetar a humanidade independente das classes sociais, cultura e sociedade. É um fator

intrínseco ao processo de civilização, e manifesta-se sob diversas formas.

Mais do que a somatória de fatos isolados, hoje a violência já é considerada uma epidemia social difusa, explicada, do ponto de vista sociológico, pela falta de oportunidades dos indivíduos se desenvolverem plenamente. Ou, de acordo com a visão psicanalítica descrita por Werneck (1997), como uma reação, geralmente igual ou contrária a uma ação, inerente ao íntimo do ser humano, ao seu inconsciente.

Alguns autores apresentam a violência como o uso desejado da agressividade, de forma voluntária, racional e consciente. Outros divergem, alegando exatamente o oposto, ou seja, que ela é involuntária, irracional e inconsciente.

Conforme Bock e Cols (1999) referem o pensamento de Hélio Pellegrino, todo este cenário violento é entendido como um rompimento do pacto social, o que faz com que se rompa o pacto edípico, isto é, a autoridade, a norma e a lei internalizada, proporcionando a retirada do controle sobre os impulsos destrutivos, que emergem com sua força brutal.

Para o psicanalista, dentro de um clima cultural, pode-se enxergar a deteriorização de valores e agregadores da coletividade: solidariedade, justiça e dignidade, chamados por ele de “cimento social”, no qual se constata neste clima o mal, a crueldade, a impunidade, a descrença, etc, além do fracasso do Estado, especialmente porque o próprio também detém a violência.

A multiplicidade do fenômeno não é tratada pelos autores apenas em suas diferentes dimensões, a saber: como um problema de saúde contra crianças, contra adolescentes, contra a mulher, contra idosos, em homicídios e agressões, como auto infligida, no trabalho, no trânsito e na qualidade das informações.... A violência é também analisada destacando-se em cada uma destas dimensões sua própria complexidade e suas especificidades, que ao serem mais detalhadamente problematizadas permitem seu melhor conhecimento e, portanto, propiciam indícios mais precisos para a formulação de políticas públicas (MORGADO, 2006).

Por não se restringir a grupos sociais específicos ou mesmo a determinadas faixas etárias, observa-se que a violência pode interferir de maneira negativa e profunda na vida dos sujeitos, comprometendo os aspectos físico, mental, emocional e social do desenvolvimento.

Diante do exposto acima, o presente artigo tem o objetivo de apontar alguns alicerces que servem de base para a construção de vínculos familiares saudáveis que certamente nortearão os comportamentos de indivíduos no desempenho de ações saudáveis e construtivas, desviando de atitudes violentas e de condutas desajustadas.

Além disso, procura destacar a importância do papel que o sujeito desempenhará no contexto social como condição sine qua non para diminuir o cenário da violência, no tocante ao que diz respeito ao ser humano, como ser único e indissociável, pois existem ainda outros fatores a considerar que nesse caso estaria relacionado ao próprio Estado, ao seu próprio “sistema”.

2. Os Vínculos nas relações parentais como condição para comportamentos não violentos

O desenvolvimento humano pleno requer alguns fatores, como o equilíbrio emocional e a integridade física, adquiridos ou construídos harmonicamente ao longo do tempo. Porém, isso depende das condições intrínsecas do sujeito, associadas a inúmeros eventos externos ligados a ele, mas que não podem jamais ser dissociados ou desvalorizados.

Trata-se, portanto, de uma questão política, que interfere diretamente na individualidade, na estrutura psíquica de cada um. Pode-se dizer que é o estabelecimento do inconsciente coletivo.

Segundo THIERS, 1998 ocorre uma interferência das questões sociais na vida pessoal de cada indivíduo, o qual sofre grandes transformações biopsicossocial. Para esta autora, o desenvolvimento do ser faz parte da evolução do mesmo proveniente do aspecto físico, emocional, mental, social, psicomotor, etc.

Em psicanálise se evidencia muito a importância da entrada da lei na vida do sujeito, como condição indispensável para uma boa estrutura da personalidade, que nada mais é do que a presença da figura paterna, significando assim, o estabelecimento de limites e de regras.

Nas primeiras relações (figura paterna e/ou quem a exerça no momento) vivenciadas pelo sujeito servirão de base para qualquer tipo de relação que o mesmo venha desenvolver no futuro.

Geralmente, a figura paterna exerce a representação da lei, como autoridade, limites e regras a serem vivenciadas, e é nesse momento em que ocorre a construção de valores que irão nortear a vida do indivíduo. Para aqueles que tiverem dificuldade de estabelecer uma relação harmoniosa com a figura de autoridade ou que por algum motivo em especial, não conseguirem, certamente, terão dificuldades em cumprir regras na sociedade, como também de respeitar e até identificar as figuras de autoridade representadas posteriormente por professores, diretores de escola, guardas de trânsito e as leis de maneira geral.

Diante do exposto acima, não se pode negar que este seja um dos maiores e/ou principal motivo que favorece ao sujeito um desajuste na sua personalidade podendo vir a adotar comportamentos inadequados, onde valores morais e éticos não sejam valorizados.

Sendo assim, constata-se que o indivíduo pode vivenciar não só um antagonismo, como também, e principalmente, uma instabilidade emocional e inquietação atrelada à ansiedade, insegurança e incerteza, que de certa forma, interferirá negativamente na construção das suas relações sociais.

Para tanto, se faz necessário que nesse processo, seja reconhecido e valorizado os ideais próprios de cada sujeito, e nas suas alternativas de solucionar “problemas”, a fim de que o mesmo vá se sentindo livre, e, cada vez mais independente, para uma autoafirmação, construção de uma identidade própria e de autonomia. Uma vez que, diante desses inúmeros conflitos, o sujeito como comportamento desajustado poderá agir de forma “incompreensiva, com rejeição e com reforço de sua autoridade”. Sendo assim, “a atitude do mundo externo será outra vez decisiva para facilitar ou obstaculizar o crescimento”. (ABERASTURY, 1981, p.18).

Entende-se com isso, que tais questões sociais promovem também um desequilíbrio emocional em virtude da provocação da inversão de valores e, conseqüentemente, a inversão de papéis sociais, provocadas pela situação de desprivilegio social que envolve o país, desrespeitando a vida pessoal de cada indivíduo.

... a violência constitui-se em fenômeno de saúde pública "porque afeta a saúde individual e coletiva", exigindo "para sua prevenção e tratamento formulação de políticas específicas e organização de práticas e de serviços particulares ao setor. (MORGADO, Apud OMS, 2006)

Desse modo, se faz necessário, não só identificar as causas que motivam tantos cenários de violência, analisando as mais diversas manifestações da mesma, como também, propor formas de enfrentamento, principalmente através da implementação de políticas públicas, o que caracteriza a violência como um fator social e de responsabilidade também do Estado.

Entende-se que em qualquer tipo de violência vai existir sempre o (s) agressor (es) e a(s) vítima(s), seja na forma física, dano causada a integridade física de alguém, seja na forma intrafamiliar, dano ocorrido em um ambiente doméstico provocado por um membro da família; seja também moral (difamação ou injúria a honra de alguém); patrimonial (retenção de objetos e/ou documentos pessoais da vítima); psicológica (ameaça, intimidação, manipulação das ações de alguém, etc) e sexual (força a vítima a manter contato físico, sexual ou verbal ou a participar de outras relações sexuais através de chantagens, intimidações e etc).

3. No cenário da violência: a atuação do indivíduo enquanto ser social

Pelo fato do homem constituir-se como ser social, o “problema” do ser não é o eu nem o outro; tudo se estabelece nas relações, através do diálogo (seja verbal, corporal ou cultural).

Segundo o filósofo alemão Heiddger, o discurso (ou melhor, a linguagem) é um dos componentes dos modelos básicos de existência do homem, em conjunto com a compreensão e a tonalidade dos afetos, cuja função é a modulação dos sentimentos de angústia e temor, provenientes da mudança de consciência em relação a sua finitude (encontro consigo mesmo).

A consciência se dá pela busca do conhecimento. Diferentemente da visão cartesiana (racionalista) de mundo, o paradigma empírico de Locke defende que “nada está no intelecto que não tenha estado antes nos sentidos”, ou seja, o aprendizado resulta da experiência.

Ora, considerar tais pensamentos, facilita-nos compreender que as experiências dolorosas (táteis, visuais, auditivas, olfativas, gustativas e proprioceptivas) provenientes das relações violentas são excelentes canais de aprendizado da mesma forma de se relacionar com os outros, assim como de defender-se do aniquilamento social ao qual o indivíduo está sujeito no seu cotidiano.

Assim, cabe ressaltar a nossa condição pós-moderna dentro de um planeta dito globalizado, onde, sob a influência das novas tecnologias, o indivíduo por si não tem a mínima importância, onde há alterações bruscas na percepção do tempo (curto, instantâneo) e grandes transformações de ordem produtiva. Aliás, é a partir do Capitalismo que o homem se torna oficialmente um produto.

Contextualizando os dizeres acima, atualmente os produtos são descartáveis, o homem também se torna “descartável”, o corpo é “descartável”. Os estilos de vida são vendidos pela televisão, há uma valorização exacerbada do hedonismo (culto ao corpo, ao prazer, à beleza) e o prazer sexual não somente é possível e vendido, como obrigatório. A saúde plena não precisa ser cuidada e a qualidade de vida pode ser suprimida, senão a indústria farmacêutica não teria sua

razão de existir. A educação pode ser sucateada, pois não é importante pensar; o computador e as máquinas já se responsabilizam por parte do que nos cabia há poucas décadas. Aliás, o conhecimento, a análise dos fatos, o pensamento elevado em consonância com a sensibilidade, não viabilizariam o sistema vigente.

Tudo isso funciona em contrapartida à natureza humana, então, para sobreviver, o homem precisa se adaptar. Mas nem sempre tal “ajuste” ocorre sem seqüelas danosas para o seu psiquismo.

Nesse contexto sociocultural, fácil é assimilar que os relacionamentos não precisam ser duráveis. Os afetos perderam o sentido social e as relações são baseadas na superficialidade. Reina a indiferença, a falta de visibilidade da realidade social na qual estamos inseridos, a incomunicabilidade entre as classes e o (hiper) individualismo. Este último diferenciado daquele pensamento pairante no Iluminismo, o qual pregava que o indivíduo deveria ser autônomo por ser pensante e inteligente, pois o homem hoje não pensa; apenas reproduz o que vê e vive.

Como os outros são tratados como se não existissem, há uma sensação coletiva de aniquilamento do ego. O sujeito vive para se defender e, ao mesmo tempo, não consegue perceber a existência de limites, normas e leis, assim como a necessidade de carinho, respeito, cumplicidade, amor...

Há, portanto, um esvaziamento moral e ético, concretizado, por exemplo, pelo favorecimento da tendência à corrupção (outro tipo de violência, caracterizada pela apropriação indébita dos bens e dos interesses comuns, sinalizada por Montesquieu nas suas análises sobre as relações de poder e negação da política).

A moral é um sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livres e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal. (VÁSQUEZ 1984, p.69)

Assim, os comportamentos são apreendidos a partir das relações sociais estabelecidas durante a vida dos sujeitos. Por isso a importância dos vínculos criados com os demais.

Se analisarmos os conceitos de MORAL e ÉTICA, teremos que a primeira se remete aos valores coletivos ou tudo que diz respeito à sociedade; a segunda refere-se ao modo individual de se relacionar ou o que nos possibilita a convivência com o outro, e que é aprendido com o tempo. Ambas são essenciais ao desenvolvimento humano sadio, então, a partir do momento em que houver limitações nesse sentido, haverá espaço aberto para o surgimento de sintomas, do patológico. E, como dito anteriormente, a violência hoje é considerada como patologia social. A ética faz parte da vida do ser humano, todos os homens têm Comportamentos diferenciados e únicos. A ética é um princípio que cada indivíduo traz consigo desde a infância. É um valor adquirido na sua relação familiar, e cotidiano de sua existência. ARDUINI (2007, p.35)

4. Considerações Finais

Diante de tamanha complexidade e considerando os problemas que enfrentamos diariamente em nossa prática profissional e comunitária, não é de se estranhar o crescimento dos índices de violência familiar, de seqüelas de auto e hetero-agressão, de desvalorização da educação (e do sentido do aprendizado), de depressão, de abandono, de isolamento social e de falta de um sentido para a vida, dentre tantas outras dificuldades.

As experiências não satisfatórias de apego e desapego da fase oral, de controle e liberação da fase anal, de castração e descoberta da fase fálica e de convivência coletiva da fase genital, ou mesmo as fixações nas respectivas etapas do desenvolvimento psicosexual teorizadas por Freud, são retratadas nas mais diversas atividades terapêuticas.

Para Raimon-Thiers 1998, o sujeito precisa ser “portador” do sofrimento social nessa batalha psíquica real, remando contra o sistema aniquilador do Eu, justamente através de suas brechas.

Torna-se fundamental oferecer um espaço e um tempo com mobilidade, onde o real e o ideal (no sentido platônico) possam ser percebidos e onde, em meio às relações grupais, o ser autônomo possa surgir.

Enfim, retomando Kant, a liberdade é o espaço adequado para o esclarecimento, para que o princípio da verdade consiga ser exercido, e onde as nossas propriedades cognitivas, nos possibilite a experiência de um corpo que tem história rica e clarifica, através da verbalização, o universo de registros que é a vida significativa.

Muito mais do que direcionar um indivíduo para a conquista do seu próprio ser, é fazê-lo compreender a sua própria perceptiva de traduzir as circunstâncias que ocorrem a sua volta. A maneira como elabora os conflitos vivenciados tem a ver como ele interpreta os acontecimentos, viabilizando assim, a busca de independência e equilíbrio interior livre de interferências sobre as paixões, porém sem deixar de reconhecê-las.

Referências

ABERASTURU, A; KNOBEL, M.. **Adolescência Normal**. Porto Alegre, Artes Médicas, 8ª edição.1989.

ARDUINI, Juvenal. **Ética responsável e criativa**. São Paulo: Paulus, 2007. 132p.

MORGADO, Rosana. Resenha. Brasil. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília: Ministério da Saúde, 2005, 340p. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000200030. Acesso em: 29 juh. 2015.

THIERS, S. **Sociopsicomotricidade Ramain-Thiers: Uma leitura emocional, corporal e social**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998.

THIERS, S.; THIERS, E. **A Essência dos Vínculos**. Rio de Janeiro, Altos da Glória, 2001.

THIERS, S.; THIERS, Orientador Terapêutico "AD." 2ª edição, 1997.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Tradução João Dell&39;Anna. 7ª edição – Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1984. 267p.

Graduada em Psicologia pela Universidade Tiradentes (UNIT)/ Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividades (GEPCS). Email: crisinha.psicologia@hotmail.com

Graduada em Serviço Social pela Universidade Tiradentes(UNIT)/ Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividades (GEPCS). Email: lusandra.almeida@gmail.com

Recebido em: 19/07/2015

Aprovado em: 20/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: